

Pecuária de corte

Capacitação e bem-estar animal

Luís Fernando Soares Zuin¹
Poliana Bruno Zuin²

CADA VEZ mais, os consumidores estão interessados em conhecer o histórico de como os animais destinados à produção de carne foram criados e abatidos. Práticas que garantem o bem-estar dos animais são cada vez mais exigidas. Diante desse fato, o mercado consumidor começa a exigir de todos os agentes da cadeia produtiva certificados que comprovem que a criação foi realizada seguindo as normas de bem-estar animal. Indo ao encontro dessas prerrogativas, recentemente, ganhou ainda mais importância a ISO 26000 de responsabilidade social e sustentabilidade.

Pressionados pelo mercado consumidor, os agentes pertencentes à cadeia produtiva do gado de corte devem adotar novas práticas produtivas se quiserem se manter no mercado. Para o produtor, a adoção de práticas de bem-estar animal reduz significativamente os custos de

produção, uma vez que é observada uma diminuição de animais machucados, desde o seu nascimento até o seu embarque para o frigorífico, proporcionando um ganho maior de produtividade.

Mas como capacitar os agentes envolvidos com a criação para garantir o bem-estar dos animais? Um dos preceitos fundamentais para o sucesso da capacitação em bem-estar é não chegar com um modelo pronto no campo. Cada contexto é único, devendo, portanto, ser considerado nos processos educativos. Nessa perspectiva, a capacitação ocorreria em dois momentos:

- o primeiro, refere-se a uma fase preparatória, na qual a equipe de capacitadores realiza um diagnóstico sem interferir nas práticas rotineiras de manejo da fazenda. Neste momento, os funcionários são filmados realizando seus trabalhos;

- em uma segunda etapa, a capacitação é feita com aulas práticas e teóricas, de maneira a problematizar e levar à conscientização dos funcionários sobre a importância de se adotarem as práticas de bem-estar.

É interessante salientar que há preocupação em relacionar a prática à teoria. Por isso, além da exposição dos conteúdos de manejo técnico, a equipe utiliza fotos e filmes produzidos na própria fazenda, na fase de diagnóstico, para ilustrar as ações relacionadas ao correto manejo, bem como problematizar as atividades negativas que se desejam abandonar.

O uso do diagnóstico como técnica empregada pelo entrevistado serve para que os capacitadores tenham contato com os modos de vida de seus educandos, ou seja, sua cultura, suas experiências e seu vocabulário. Essa prática é essencial



para que se tenha um processo de ensino-aprendizagem.

Outra técnica utilizada pelo entrevistado é o uso de imagens coletadas do cotidiano dos educandos. A imagem, bem como a filmagem empregada neste contexto educativo determinam o início de um diálogo problematizador, propiciando aos educandos a reflexão sobre o seu fazer prático, de maneira que os próprios indivíduos se conscientizem de suas práticas.

O objetivo dessa técnica é que o sujeito filmado veja a sua própria ação e possa refletir sobre ela a partir da figura de um capacitador, cujo papel é intervir na realidade, problematizar as questões que permitam levar a mudanças signi-

ficativas, como no caso das práticas de bem-estar animal. Assim, o sujeito que executa a atividade que foi filmada vai se autoconhecendo e transformando as suas atividades de maneira consciente.

Um ponto de fundamental importância diz respeito às condições de vida dos funcionários nas fazendas. Para que os funcionários possam se apropriar das práticas de bem-estar animal, eles devem possuir um mínimo de qualidade de vida. Assim, para que tenhamos uma produção agropecuária sustentável, necessariamente deve haver uma melhoria da qualidade de vida dos pecuaristas e de seus funcionários, de maneira que o mercado consumidor deve exigir um co-

junto de certificações que comprovem que determinado ambiente produtivo é sustentável, como no caso da ISO 26000.

Pensar na adoção de práticas de bem-estar animal pelos agentes envolvidos na cadeia produtiva do agronegócio é uma ação que irá beneficiar todos, já que os produtos se tornaram diferenciados no mercado consumidor, sendo possível, em um primeiro momento, agregar valor, aumentando a renda de toda a cadeia produtiva da proteína animal. ■

1. Professor da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos - USP

2. Professora da Faculdade de Tecnologia, Ciências e Educação (Fatece)

Agenda Legislativa do Cooperativismo: o cooperativismo lado a lado com a democracia.

A Agenda Legislativa do Cooperativismo é uma publicação anual que lista os desafios do setor cooperativista no Congresso Nacional.

Em sua 5ª edição, a Agenda reúne 57 proposições de interesse das cooperativas em tramitação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. É referência e fonte de consulta para os parlamentares nas questões ligadas ao cooperativismo.

A publicação é uma iniciativa conjunta da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB) e da Frente Parlamentar do Cooperativismo (Frencoop). Para obtê-la, acesse www.brasilcooperativo.coop.br.

Cooperativismo. Você participa. Todos crescem.
www.brasilcooperativo.coop.br


OCB
Organização das Cooperativas Brasileiras